

JORNADA EXTRACLASSE: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA NA/PARA A ESCOLA

Iago Alves Bezerra¹

Resumo

Inúmeros são os enfrentamentos dos professores no âmbito escolar, diante disso, imprescindível, então, é cogitar sobre o exercício da atuação docente. Conjeturar sobre o exercício da atuação do professor está além das paredes de uma sala de aula tradicional, uma vez que os professores não realizam suas atribuições apenas quando estão à frente de um quadro branco. Este estudo está inserido no eixo *Formação Docente, Políticas Educacionais e Diversidades*. Sendo assim, o presente trabalho objetivou investigar a jornada extraclasse (AC) na escola e compreender se esta tem atendido às necessidades dos professores para o planejamento de suas atividades. Destarte, a metodologia e o *corpus* de análise deste estudo monográfico são compostos por seis diálogos realizados com professores da rede de ensino pública da cidade de Guanambi-Ba e Guirapá-Ba, que foram posteriormente transcritas e analisadas. Em suma, os resultados evidenciaram que o tempo designado para a jornada extraclasse não é suficiente para abarcar todas as demandas do âmbito escolar, fazendo com que a (AC) ultrapasse os muros da escola e adentre a vida particular do professor.

Palavras-chave: Atuação docente. Jornada extraclasse. Planejamento.

Introdução

O trabalho docente vem sendo pesquisado e discutido em diferentes perspectivas. Uma das abordagens faz referência ao que os professores fazem em sala de aula. Outros diagnósticos são feitos a partir do que o docente faz fora da sala de aula, no espaço escolar e no ambiente domiciliar. Neste resumo expandido, nossa escolha é apresentar uma discussão sobre a jornada extraclasse. A metodologia que orientou essa pesquisa está baseada no princípio do dialogismo de Bakhtin, considerando que o professor, na interação com outros professores fazem a palavra circular elaborando discursos e enunciados sobre o trabalho que realizam.

Para autores como Garcia (2009) o desenvolvimento profissional dos professores faz parte de um processo evolutivo e que, portanto, sugere mudanças e adaptações. Sem correr o risco de tratar o trabalho docente na perspectiva de uma seleção natural, os saberes docentes, a questão da profissionalidade, a formação e a jornada excessiva de trabalho são elementos que contribuem para a permanência ou não dos professores no ambiente escolar.

O termo jornada extraclasse é utilizado para designar o momento ou o tempo referente ao trabalho que o professor desenvolve no ambiente escolar e que antecipa em nível de planejamento o que deverá ser feito individual ou coletivamente pelos professores. Desse modo, o planejamento realizado na jornada extraclasse representa o momento destinado para a edificação coletiva e dinâmica do trabalho dos professores e por isso, envolve organização das atividades, elaboração e

correção de avaliações, diálogo entre os professores para a construção e troca de experiências e, como proposto por diferentes autores, é um espaço para a reflexão sobre a prática pedagógica.

A jornada extraclasse, também denominada de Atividades Complementares (AC) ou Atividade Hora (AH), está além do sentido etimológico, enciclopédico, dicionarizado ou das abordagens técnicas e, por conta disso, alcança diferentes interpretações sobre a prática pedagógica dos professores permitindo analisar as diversas vozes que se entrelaçam no âmbito escolar sobre como os professores planejam o seu próprio trabalho. Possibilitando reflexões sobre as demandas e dificuldades que os docentes enfrentam ao longo de sua jornada de trabalho nos espaços didático-escolar.

As questões que nortearam esse estudo são atravessadas pela investigação em saber o que e como a jornada extraclasse contribui para melhorar os processos de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula. A escolha do tema é justificada pela necessidade de uma reflexão importante e necessária sobre a potência e limitações da jornada extraclasse na perspectiva dos professores da educação básica. Trata-se, portanto, de uma análise e discussão de relevância e que reverbera na formação de professores, seja ela considerada inicial ou continuada. É, um estudo que visa compreender os discursos dos professores sobre os processos organizacional e operacional para a jornada extraclasse. Garcia (2009) defendia que a escola elaborasse um método que promova o desenvolvimento profissional de educadores, o que implica antes de tudo, discutir como o docente trabalha na e para a escola.

O presente artigo objetiva abordar o trabalho docente na escola pública a partir dos diferentes entendimentos sobre a jornada extraclasse e sua contribuição para o desenvolvimento profissional de educadores em dois municípios baianos no Território de Identidade do Alto Sertão Produtivo: Guanambi e Guirapá. Essas cidades foram identificadas a partir da naturalidade declarada pelos professores que participaram da pesquisa. Por este motivo, foram realizados diálogos com seis professores e, nesse caso, a revelação dos nomes constituía-se antiética, tornou-se necessário então, a utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos docentes.

Metodologia

A escolha da pesquisa qualitativa, justifica-se, por ser uma abordagem que direciona aos fenômenos sociais e ao comportamento humano, sendo assim, foi necessária uma pesquisa a campo. A partir do roteiro de perguntas, foi obtido os dados analisados nesta pesquisa. Nesse sentido, para Flick (2009, p. 37) “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”.

Esta pesquisa teve como intuito analisar os diálogos realizados com os professores atuantes na rede de educação pública em duas cidades do interior da Bahia, com a finalidade de verificar o quê/como os docentes compreendem a jornada extraclasse na/para a escola. Quanto as questões que orientaram as conversas adotadas como procedimento metodológico, Duarte (2004, p. 215) destacam que:

elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

No que tange a análise inicial das conversas percebeu-se que há informações tanto similares quanto diferentes utilizando um mesmo questionamento. Ao falar sobre o tempo de jornada extraclasse os argumentos dos professores que participaram da pesquisa foram quase unânimes sobre a insuficiência do tempo de quatro (04) horas/aulas para suprir todas as demandas semanais, no entanto, apenas Ribeiro afirmou que o tempo é suficiente. Cada professor/ser humano é único e com uma história de vida particular formada por sua bagagem biológica, psicológica e com vozes entrelaçadas socialmente e culturalmente, o que confirma essa pesquisa como fidedigna as informações recebidas.

Resultados e discussão

Ao estabelecer um paralelo entre as seis conversas evidencia-se que os depoimentos proporcionaram uma profunda reflexão sobre o exercício ininterrupto de ser professor nas escolas públicas da Bahia. No que tange ao planejamento, interrogados sobre a compreensão da jornada extraclasse, os professores, declaram que os encontros são positivos:

Os AC na minha escola são dois, temos os momentos individuais e os momentos com a coordenação. O AC alivia um pouco a jornada, mas a gente sabe que sempre trazemos coisas para casa (FREIRE).

Para o professor Freire, o trabalho que se leva para casa compromete a vida doméstica e o tempo que se tem nas escolas servem para a correção de trabalhos e lançamentos de notas das avaliações. Ao se pensar que a jornada extraclasse corresponde ao momento de estudo e de desenvolvimento profissional, assim defende Garcia (2009), a jornada não é vista como um espaço destinado ao estudo dos professores na perspectiva de uma base teórica para o trabalho que desenvolve. Ainda que para alguns professores, a jornada cumpre o papel e destacam sua importância:

Acho super importante para que o planejamento aconteça direitinho, a gente precisa planilhar tudo. [...] além de trocar algumas experiências, metodologias de ensino, então tudo isto compõem o AC. (GALLO).

As atividades complementares são de extrema importância, porque a partir delas eu consigo traçar parâmetros e ter uma visão de futuro em relação aos conteúdos que podem ser trabalhados e o momento a ser trabalhados. (RIBEIRO).

Diante dos relatos, podemos identificar uma similaridade da compreensão individual dos docentes com o referencial teórico da presente pesquisa, sobretudo, em concordância com o pensamento de Libâneo (2012) a respeito da interação e comunicação com os colegas de profissão. Assim como, Bakhtin (1997), que remete a este momento como o entrelaçamento das vozes discursivas que adotam uma atitude responsiva de acordo com o enunciado coletivo:

É uma forma de complementar os estudos. [...] Nela a gente realiza planejamento das aulas e estudos complementares. (LUTZ).

É um momento bastante produtivo onde a gente compartilha experiências de trabalho, tanto nas disciplinas específicas quanto nas disciplinas da base nacional comum. Neste momento utilizamos para trocar experiências com outros professores sobre metodologias, dificuldades, troca de material didático e diálogo sobre outros temas e sobre as turmas também. (SAVIANI).

É um momento que nós podemos refletir sobre as dificuldades (nossa e dos alunos) em sala de aula de forma individual ou com outros professores. (TEIXEIRA).

Ainda que os professores apresentem um discurso semelhante sobre a importância da jornada extraclasse e sua relação com os planejamentos das atividades, há, professores que destacam que o planejamento das aulas não se dá de maneira espontânea:

Geralmente para planejar atividades, para planejar aula eu não consigo fazer, eu faço isto em casa! Então eu uso para fazer impressão e para corrigir atividades, na escola é mais isto, as outras atividades eu faço mais em casa. (FREIRE).

Com isso, há de se identificar um certo desconforto por parte de alguns professores em planejar na escola, fazendo opção por impressão de material, considerando a economia de tinta e energia. Ao falar sobre a escolha de planejar em casa, retira do professor a concepção do trabalho coletivo. A justificativa se dá pela ausência de uma infraestrutura adequada para o momento de jornada extraclasse, como o tamanho do espaço que é destinado à jornada, considerando a circulação da comunidade escolar, ocasionando um incômodo e atrapalhando a sua total concentração. Ainda que se reconheça as dificuldades para a realização das atividades da jornada, os professores não se mostram incomodados:

Não me incomoda! Isto é intrínseco da profissão, quando a gente começa na profissão a gente já sabe que tem esse dever em casa. Mas não é bom, porque a gente acaba ocupando nosso tempo livre com as atividades da escola, mas já é como se fosse algo normal, não deveria ser, mas normalizou. (FREIRE).

Na perspectiva de Cruz (2012, p. 77) sobre a profissionalidade docente, segundo ela, “a profissionalização não pode ser desvinculada do sujeito professor, nem das limitações que se apresentam no contexto da profissão e do profissional que nele atua.”. Mediante isso, entende-se que o professor mesmo diante desse processo de desvalorização contínua, perda de autonomia e as excessivas tarefas da sua profissão necessita ter um olhar esperançoso rompendo os paradigmas da racionalidade técnica e fragilidades da sua profissão.

Os demais professores Ribeiro, Lutz, Saviani e Teixeira comungam da mesma ideia e ambos responderam que neste momento realizam o planejamento das aulas, pesquisa de conteúdo, elaboram e corrigem provas e questões, atualizam notas. Desse modo, os professores Freire e Gallo apresentam uma mesma visão sobre a jornada extraclasse, no entanto, ressaltam que não são todos os professores que compreendem a importância da jornada:

Na minha escola é bem dinâmico, mas tem professores que não participam da AC de forma nenhuma, eles nem comparecem tanto no individual quanto no coletivo. Alguns participam por participar, porque a gente recebe o incentivo, porque ele é remunerado. Então alguns comparecem por causa da remuneração, mas ficam lá apáticos. (FREIRE).

É lógico que tem alguns mais extrovertidos participam mais ativamente e outros mais passivamente isso varia, mas não é sempre a mesma coisa, nem sempre o mais ativo é o que participa mais, eu vejo bem parecido. (GALLO).

Infelizmente, uma parcela dos professores desconhece a funcionalidade da jornada extraclasse para a atuação docente. Nesse sentido, Lück (2009) elucida que a jornada extraclasse é muito importante para o profissional da educação, pois além de permitir que o professor faça seu planejamento de aula semanal, também promoverá a sua capacitação profissional.

Para a finalização da análise desta pesquisa, os professores foram indagados a respeito da carga horária (1/3) estabelecida legalmente. A respeito disso, Freire, Gallo, Lutz, Saviani e Teixeira salientaram que a carga horária se mostra insuficiente para suprir todas as atividades estabelecidas pela escola:

Acho que a gente teria que ter um equilíbrio, a gente poderia ter a mesma quantidade de horas aulas e a mesma quantidade de AC. Se eu tenho 20 horas aulas, 10 horas poderia ser de aula e 10 horas de AC. (FREIRE).

Sim, é um curto! É um tempo para a gente realizar o planejamento, para corrigir, elaborar as provas, saber quais são os assuntos que serão na semana e se planejar dentro desse horário, fazer isso tudo dentro deste horário é muito pouco tempo. (GALLO).

O tempo é muito curto, sempre levamos coisas para casa. O “Pesadão” mesmo sempre fica para fazer em casa, o tempo não é suficiente. Muito raro o professor não levar nada

para casa, muita coisa tem que ser complementada em casa, por que não dar tempo para fazer na jornada extradasse. [...] O tempo é muito curto, mas é o que tem. O professor não vai se dispor de outro horário, por que tem a carga horária de aula a ser cumprida. (LUTZ).

Diante dessas considerações, podemos avaliar algumas questões relevantes identificadas durante o percurso desta pesquisa sobre a jornada extraclasse, tais como: o grande valor da jornada extraclasse para o planejamento e capacitação profissional do professor, a insuficiência do tempo destinado para a atividade extraclasse e a falta de investimentos dos poderes públicos na rede de ensino da educação básica. Consoante a William Arthur Lewis, economista britânico, a “educação nunca foi despesa. Sempre foi investimento com retorno garantido.” Seria interessante se a prática fosse tão coerente quanto a teoria.

Conclusões

O exercício constante de ensinar é, historicamente, uma profissão sobre a qual deposita-se muitas expectativas e demandas. Uma atividade que antigamente era considerada um trabalho importante foi deixando de ser valorizada socialmente e, apesar da sua grande importância como uma instituição difusora de conhecimento, infelizmente, ainda é uma profissão desvalorizada e que carece de investimentos dos governantes nos mais diversos setores da educação.

Em síntese, a jornada extraclasse é para o docente um espaço/momento de troca e de preparação para um campo de saberes concernentes à profissão. A figura do professor ao longo do tempo foi se tornando cada vez mais cobrada e menos apoiada, o docente na atual conjuntura do Brasil tornou-se um profissional desprovido de um olhar cauteloso para as suas demandas, tanto no contexto trabalhista quanto psicologicamente e fisicamente.

É inegável que o professor age como um dos protagonistas do procedimento de constituição do conhecimento e, enfrenta inúmeros desafios no cotidiano escolar em sala de aula e até mesmo fora dela. Como resultados desta pesquisa, o ambiente escolar se solidificou como um lugar propício para a difusão de conhecimentos tornou-se também um rico campo para pesquisas, sendo assim, realizar este estudo sobre a jornada extraclasse dos professores foi imprescindível para compreender as potências e limitações da Atividade Complementar a partir das perspectivas dos professores da educação básica.

Conclui-se, portanto, esta pesquisa e confiamos que ela poderá contribuir efetivamente para a área educacional sobretudo, para o esclarecimento e melhor compreensão sobre a jornada extraclasse e sua influência na atuação docente. Felizmente, com a análise das conversas realizadas neste estudo notou-se que existem professores que são dedicados e íntegros em sua profissão demonstrando boa relação com a comunidade escolar.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva. **A construção da profissionalidade polivalente na docência nos anos iniciais do ensino fundamental**: sentidos atribuídos às práticas por professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife. 2012. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

DUARTE, Rosália Maria Ribeiro. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira**: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.